

Ser digital a caminho da inteligência colectiva (1/1)

“Ser digital” proporciona, segundo Negroponte (1996:240), razões para optimismo, pois a era digital vem com quatro qualidades: é descentralizadora, globalizadora, harmonizadora e distribuidora de poder.

Para Lévy (1990:23-38), os grupos humanos são, neste contexto, colectivos inteligentes em que cada um se constitui para os outros como fonte de conhecimento, uma oportunidade de aprendizagem, baseada na experiência de vida, no percurso profissional e nas práticas sociais e culturais – “ninguém sabe tudo, cada um de nós sabe alguma coisa e todos, constituindo a humanidade, sabemos tudo o que se sabe.”

Esta visão universal do conhecimento humano, suportada nos novos meios de comunicação que as TIC propiciam, é definida por Lévy como “inteligência colectiva”, inteligência globalmente distribuída, valorizada, coordenada em tempo real e mobilizadora das competências.

De facto, só sociedades que saibam fazer um uso adequado dos dados da investigação, no domínio do desenvolvimento humano, organizando, por exemplo, de um modo eficaz os seus recursos humanos, poderão, segundo Keating (1995:4), ascender à condição de *sociedades de aprendizagem*.